



Pereira, Reinaldo Farias. *Língua brasileira de sinais: um organismo em constante mutação*. In.: *Revista Diálogos (RevDía)*. Dossier "Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido". v. 4, n. 2, 2016. [<http://periodicosecientificos.ufmt.br/cjs/index.php/revdia>]

Língua brasileira de sinais

Um organismo em constante mutação * (**)

*Reinaldo Farias Pereira*¹

Monografias

v. 4, n. 2, 2016

^{*} *Monografia produzida em formato de artigo científico como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação Especial com Ênfase em Libras. Coordenação de Pós-graduação Lato Sensu da Faculdade do Pantanal (Fapan). Cáceres.*

^(**) *Orientado pelo Professor Me. Claudio Alves Benassi. Coordenação do Curso de Letras-Libras. Universidade Federal de Mato Grosso. Editor gerente da Revista Diálogos. cacbenassi@hotmail.com*

¹ *Acadêmico do curso de pós graduação em educação com ênfase em libras. Faculdade do Pantanal (Fapan) Cáceres. reinaldefarias25@gmail.com*



crecido es, sin duda, las Configuraciones manuales-CM, que se relaciona con el formato que la mano lleva en la preparación de una determinada seña. En 2005, Tânia Felipe presenta un compilación de 64 CM, siendo que el alfabeto manual utiliza sólo 26 de estas CM para representar las letras. A través de los años hasta la fecha, se realizaron y publicaron varios estudios, en que se puede ver un aumento significativo de las mismas, dada la gran expansión del universo lingüístico gestual. El objetivo de este estudio es mostrar el aumento de las CM presentados en las compilaciones de Tanya Felype (2005); Duarte (2011) y Barreto y Barreto (2012).

Palabras-claves: Configuraciones Manuales. Lengua brasileña de señas (LIBRAS). Lingüística aplicada.





1. INTRODUÇÃO

De acordo com Campelo (2009), Dizeu e Caporali (2005), as Línguas de Sinais - doravante (LS) -, tanto brasileira quanto de outros países, são consideradas línguas naturais da comunidade visual de cada país na qual estão lotadas. Essas se originam por meio da necessidade de comunicação e expressão dos sujeitos com surdez. Como nas Línguas Oralizadas - daqui por diante (LO) -, as LS são compostas, sócio historicamente, trazendo consigo a valoração ética e estética dos sujeitos que nela estão envolvidos.

As LS de um determinado grupo social, expressa a forma de pensar, de se expressar, e de viver desse grupo. Tomando como base, a Língua Portuguesa - doravante (LP) -, oralizada no Brasil, na qual possui uma enorme variação de palavras para indicar um mesmo objeto dependendo da região na qual o falante se insere, essa mesma ação ocorre nas LS, o que a assimila ainda mais como uma língua.

Embora, não seja o objetivo deste artigo, discutir a variação linguística da Língua Brasileira de Sinais - daqui por diante Libras, reconhecida no Brasil pela lei nº. 10.436/2002 e pelo decreto nº. 5626/2005, apresentaremos o seguinte exemplo: a mandioca, espécie de tubérculo muito conhecido e consumido no Brasil, recebe diversos nomes. Na região nordeste, ela é conhecida como macaxeira, na região sul como aipim e noutras, simplesmente, como mandioca.

As mesmas variações na nomenclatura dessa raiz apreciada na culinária brasileira ocorre na Libras. Os exemplos expostos a seguir mostram o mesmo signo traduzido em vários significantes, como acontece nas LO. Como podemos observar, as Configurações Manuais - daqui por diante (CMs) -, mudam, isso ocorre porque o significante foi criado de acordo com o contexto linguístico no qual o falante está inserido.





Figura 1. Sinais da Libras que designam “MANDIOCA” // $_ \uparrow \square \square \square \square \downarrow \cdot$ // $_ \uparrow \square \square$. Fonte: Reinaldo Farias Pereira.



Figura 2. Variação do sinal da Libras que designam “MANDIOCA” - $_ \uparrow \square \square \square \square \downarrow \cdot$ // $_ \uparrow \square \square \square \square \downarrow \cdot$. Fonte: Reinaldo Farias Pereira.



Figura 3. Sinal da Libras que designam “MANDIOCA” - $_ \downarrow \square \square \square \square \downarrow \cdot$. Fonte: Reinaldo Farias Pereira.





Figura 4. Sinal da LBS que designa “MANDIOCA” - $\text{/\text{r}\text{.}\text{E}\text{O}\text{E}\text{T}^\dagger$. Fonte: Reinaldo Farias Pereira.



Figura 5. Sinal caseiro utilizado por uma índia visual da etnia Terena para designar “MANDIOCA” - $\text{-}\text{r}\text{E}\text{L}\text{L}^\ddagger$

De acordo com Duarte e Benassi “A CM consisti na construção estrutural onde a mão ou as mãos estejam posicionadas, com combinações dos dedos com a palma e dorso da mão (DUARTE; BENASSI, 2014, p. 20)”. As CMs constituem um dos cinco parâmetros da Libras, que são: Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento, Expressão Facial/Corporal e Orientação/Direção, sendo elas a forma como os dedos e as mãos se comportam durante a execução de um sinal.

Assim como os outros parâmetros de extrema importância na Libras, as CMs são utilizadas para a elaboração dos sinais. Um dos primeiros estudos linguísticos a respeito da Libras, datado do ano 2005, revela um total de 64 CMs. Ao longo dos anos, novas pesquisas foram sendo publicadas evidenciando um crescente aumento no número das mesmas, indicio de inovação na Língua brasileira de sinais.

O nosso objetivo é mostrar neste trabalho o resultado de três pesquisas no âmbito dos estudos linguísticos da Libras, sendo elas: Tânia



Felipe (2005); Duarte (2001) com a dissertação de mestrado *Ensino de Libras para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático*, citando Faria-do-Nascimento (2009), atualizada por Duarte e Benassi (2014) e Barreto e Barreto (2012) com o livro *Escrita de sinais sem mistérios*.

No próximo tópico então, mostraremos as CMs de acordo com a ordem cronológica de publicação, sendo que a primeira, referente à Tânia Felipe (2005) terá exposta todas as CMs de seu inventário. Em Duarte (2011) e Duarte e Benassi (2014) serão expostas somente aquelas que foram adicionadas. Em Barreto e Barreto (2012) serão expostas todas as CMs que foram adicionadas.

2. AS CONFIGURAÇÕES MANUAIS E O SEU CRESCIMENTO

2.1. As 64 CMs presentes em Tânia Felipe (2005)

A publicação do livro *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*, no ano de 2004, é um marco na história da Libras, pois marca o início da preocupação acadêmica com a linguística das LS utilizadas pelas comunidades visuais² brasileiras. Essa importante obra brasileira referencia renomadas pesquisas internacionais na área dos estudos linguísticos, tendo sido base para a maioria das pesquisas no âmbito educacional.

Como essa, várias outras obras são importantes para a área da Libras, como por exemplo, a de Tânia Felipe que divulgou no ano de 2005 um inventário de 64 CMs, cujo uso está ligado a todas as LS do mundo, não se

² Conceito elaborado por Duarte e Benassi que enfatiza a habilidade linguística visual do sujeito (DUARTE; BENASSI, 2015).



referindo estritamente à Libras. Abaixo, então segue a lista das CMs apontadas pelas autoras.



Figura n. 06. Configurações manuais segundo Tanya Felipe (2005). Fonte: Reinaldo Farias Pereira baseado em Tanya Felipe (2005).



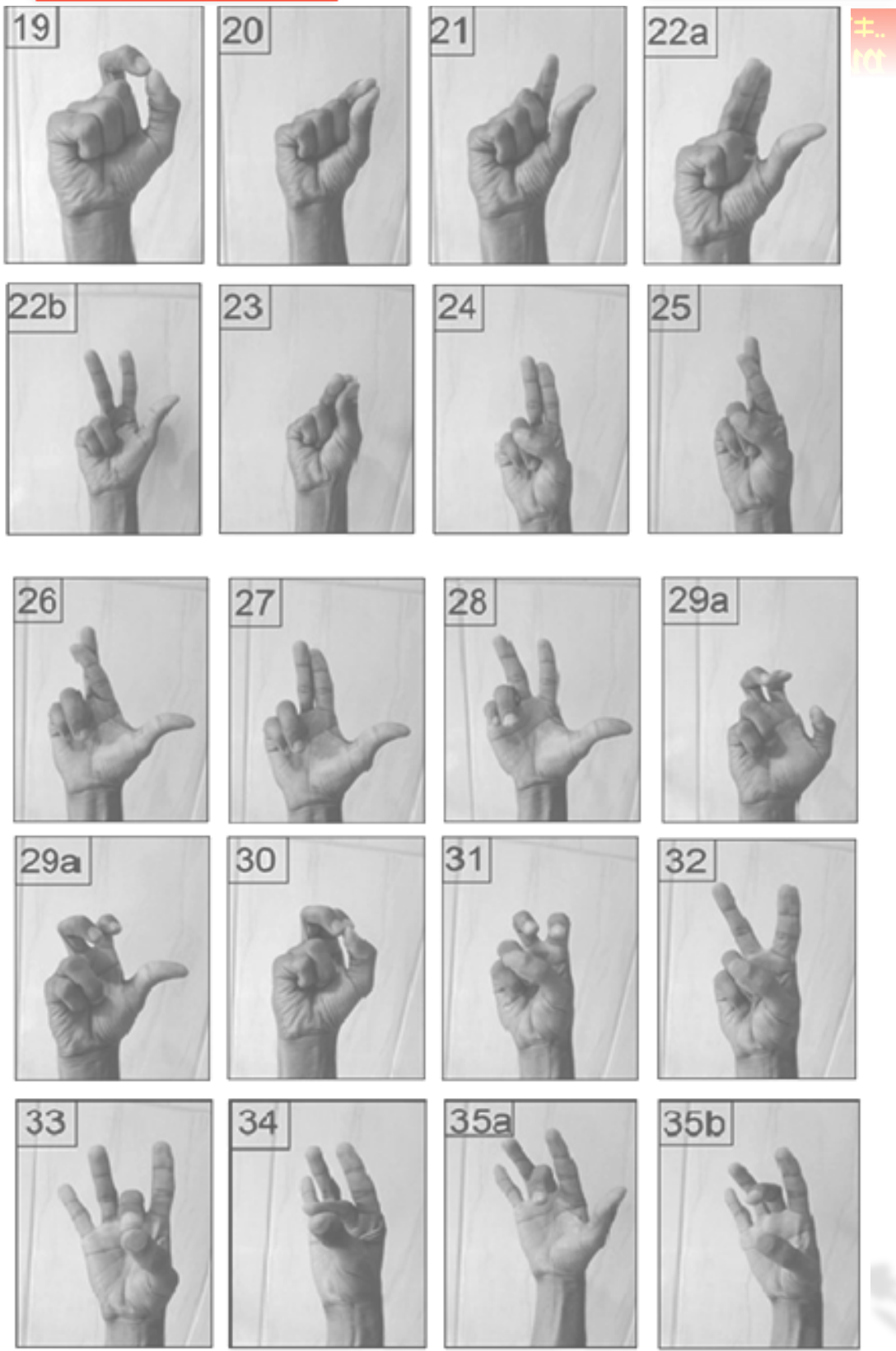


Figura n. 07. Configurações manuais segundo Tanya Felipe (2005). Reinaldo Farias Pereira baseado em Tanya Felipe (2005).



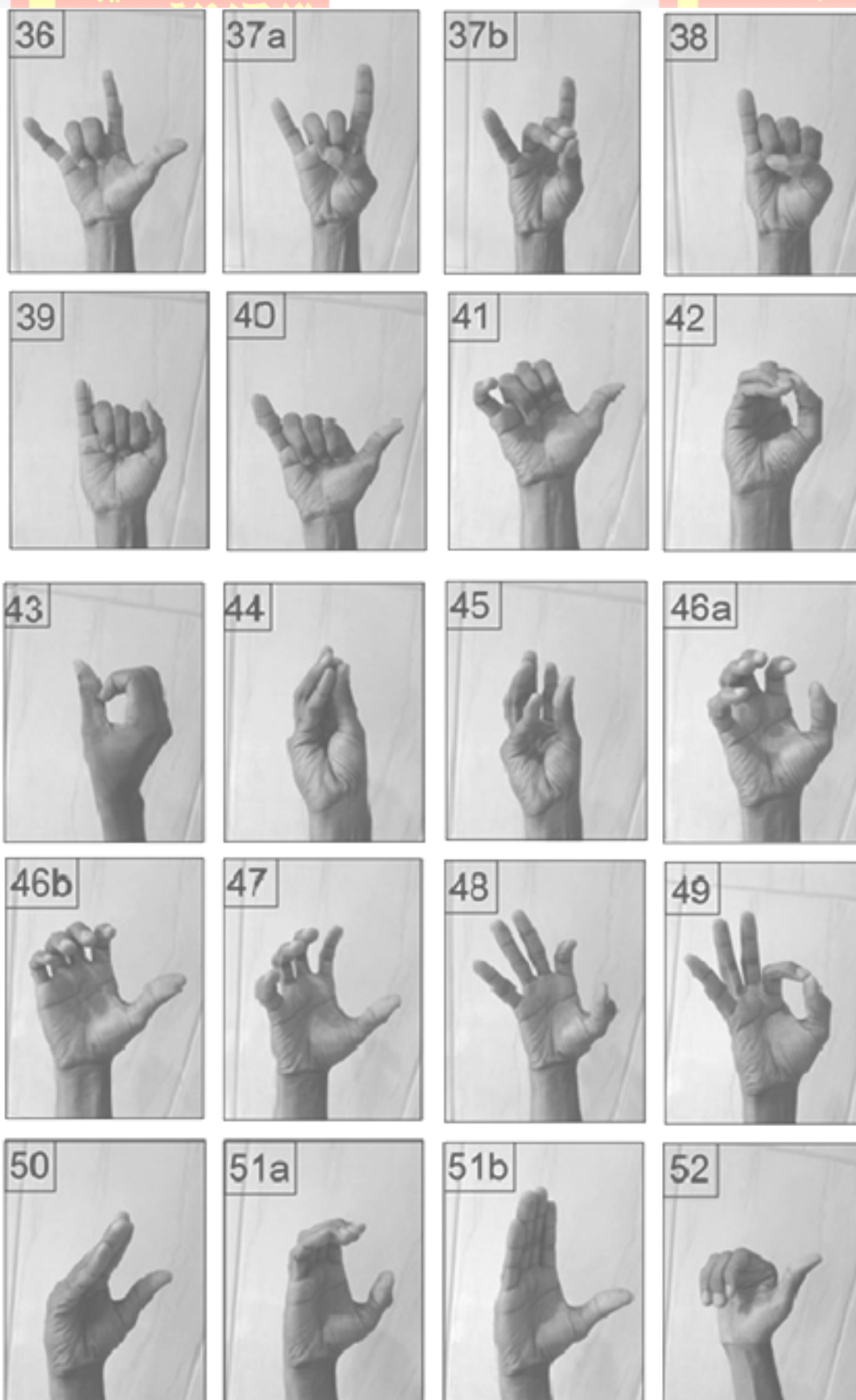


Figura n. 08. Configurações manuais segundo Tanya Felipe (2005). Reinaldo Farias Pereira baseado em Tanya Felipe (2005).



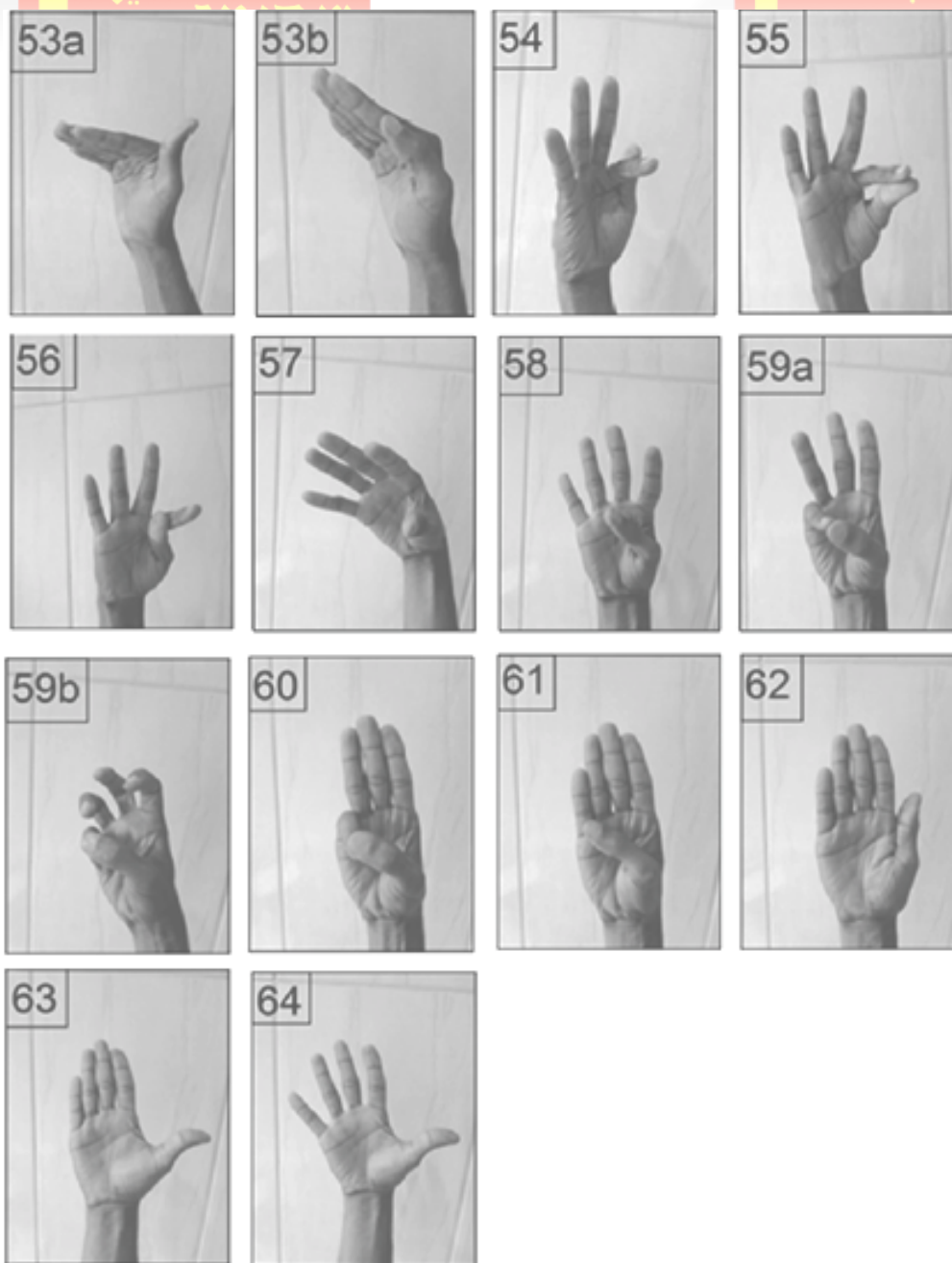


Figura n. 09. Configurações manuais segundo Tanya Felipe (2005). Reinaldo Farias Pereira baseado em Tanya Felipe (2005).

2.2 As 75 CMs em Nascimento (2009) e Duarte (2011)



Nascimento (2009) mostra em sua tese de doutoramento um aumento



de 11 CMs. Duarte (2011) elaborou um material didático, voltado para o ensino de LIBRAS para ouvintes, parte importante de sua dissertação de mestrado, que abordou, dentre outros assuntos, os empréstimo linguístico da LBS. Em seu material - atualizado e revisado em 2014 - Duarte (2011) apresenta as 75 CMs. Abaixo listamos 20 CMs apresentadas em Duarte e Benassi (2014). 11 delas que não constam em Felipe (2005) e 9 que são diferentes.





Figura n. 10. Configurações manuais segundo Anderson Simão Duarte e Claudio Alves Benassi (2014). Reinaldo Farias Pereira baseado em Duarte e Benassi (2014).

Analisando as CMs acima relacionadas, podemos observar que existem algumas que foram adicionadas e outras criadas possibilitando a atualização do número de CMs existentes em Felipe (2005) como, por exemplo, a CM 6 no inventário de Felipe é a CM 4 no inventário de Duarte e Benassi (2014, p.18) ou seja, não é uma CM.

Já as CMs 6, 29, 34, 63, 65, 66, 70 e 74 na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p.18, 19, 20 e 21) não aparecem no inventário em Felipe (2006), podendo ser consideradas CMs novas. A CM 7 na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p.18) é a CM 38 na pesquisa de Felipe (2006) e a CM 9 na pesquisa de Felipe (2006) é a CM 13 na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p.18). A CM 19 na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p.18) é a CM 31 na pesquisa de Felipe (2006). A CM 8b na pesquisa de Felipe (2006) é a CM 22 na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p.18).

A CM 47 no inventário de Duarte e Benassi é a CM 58 no inventário de Felipe. A CM 55 no inventário de Felipe é a CM 61 no inventário de Duarte e Benassi. Já a CM 57 no inventário de Felipe é a CM 73 no inventário de Duarte e Benassi. A CM 35b no inventário de Felipe é a CM 75 no inventário de Duarte e Benassi. As CMs 23, 37, 45, 64 e 72 do inventário de Duarte e Benassi se assemelham as CMs 17, 3, 42, 49 e 18b do inventário de Felipe.

De acordo com as análises, Duarte e Benassi (2014) trazem 14 novas CMs que são: 18, 30, 34, 37, 39, 45, 54, 63, 65, 66, 68, 70, 71 e 74. Essas CMs não estão presentes na pesquisa de Felipe o que nos leva a entender que são CMs que foram observadas em uso e pela primeira vez, aparecem numa pesquisa acadêmica.



2.3 As 111 CMs em Barreto e Barreto (2012)

Barreto e Barreto (2012) apresentam em sua obra intitulada *ESCRITA DE SINAIS SEM MISTÉRIO* volume 1, que traz 39 novas CMs. Listamos abaixo somente as CMs que não se repetem em Duarte e Benassi (2014).

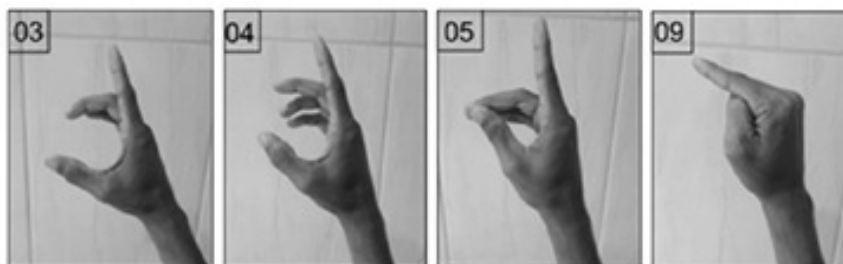
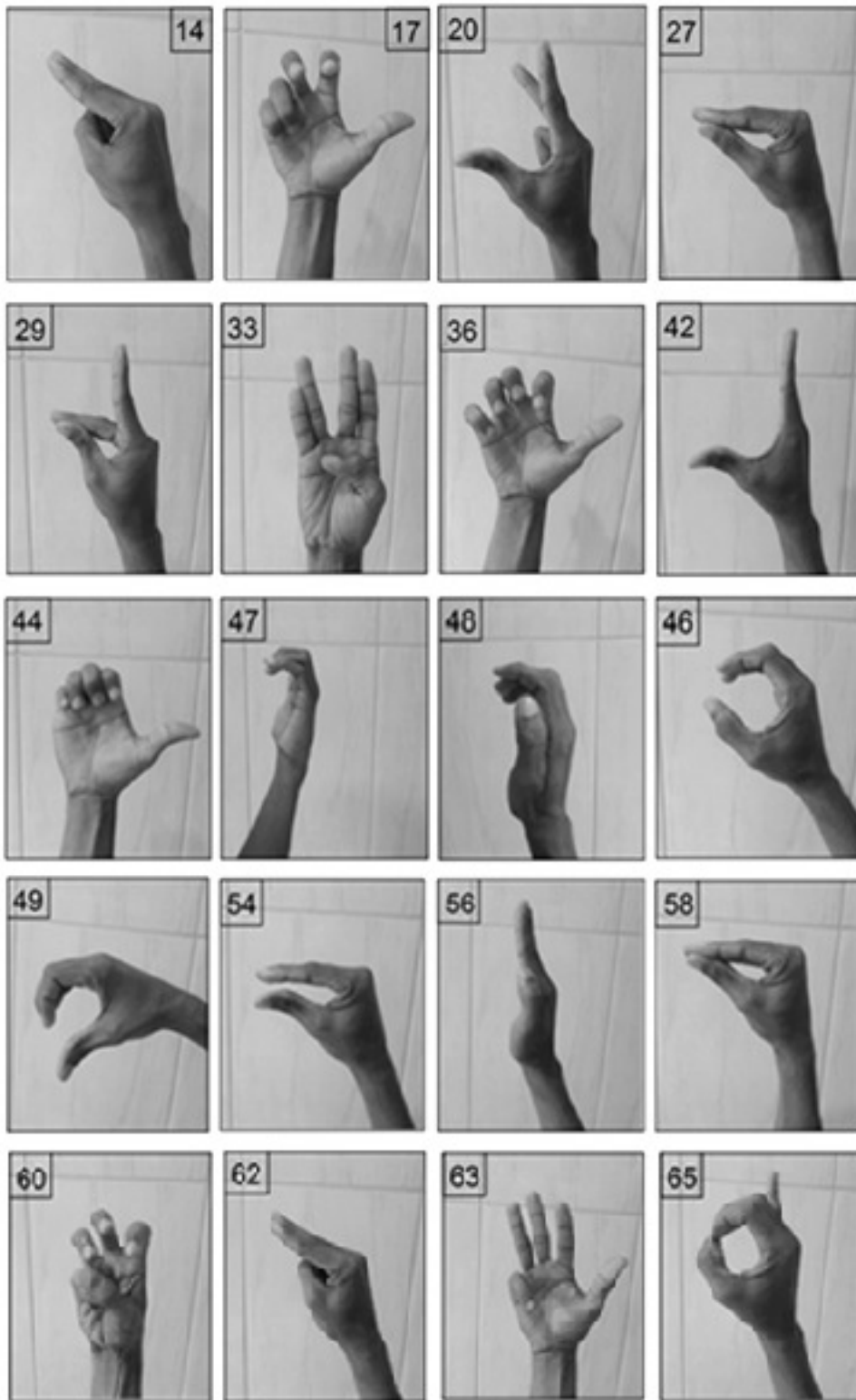


Figura n. 11. Configurações manuais segundo Barreto e Barreto (2012). Reinaldo Farias Pereira baseado em Barreto e Barreto (2012).





RevDia

Figura n. 12. Configurações manuais segundo Barreto e Barreto (2012). Reinaldo Farias Pereira baseado em Barreto e Barreto (2012).



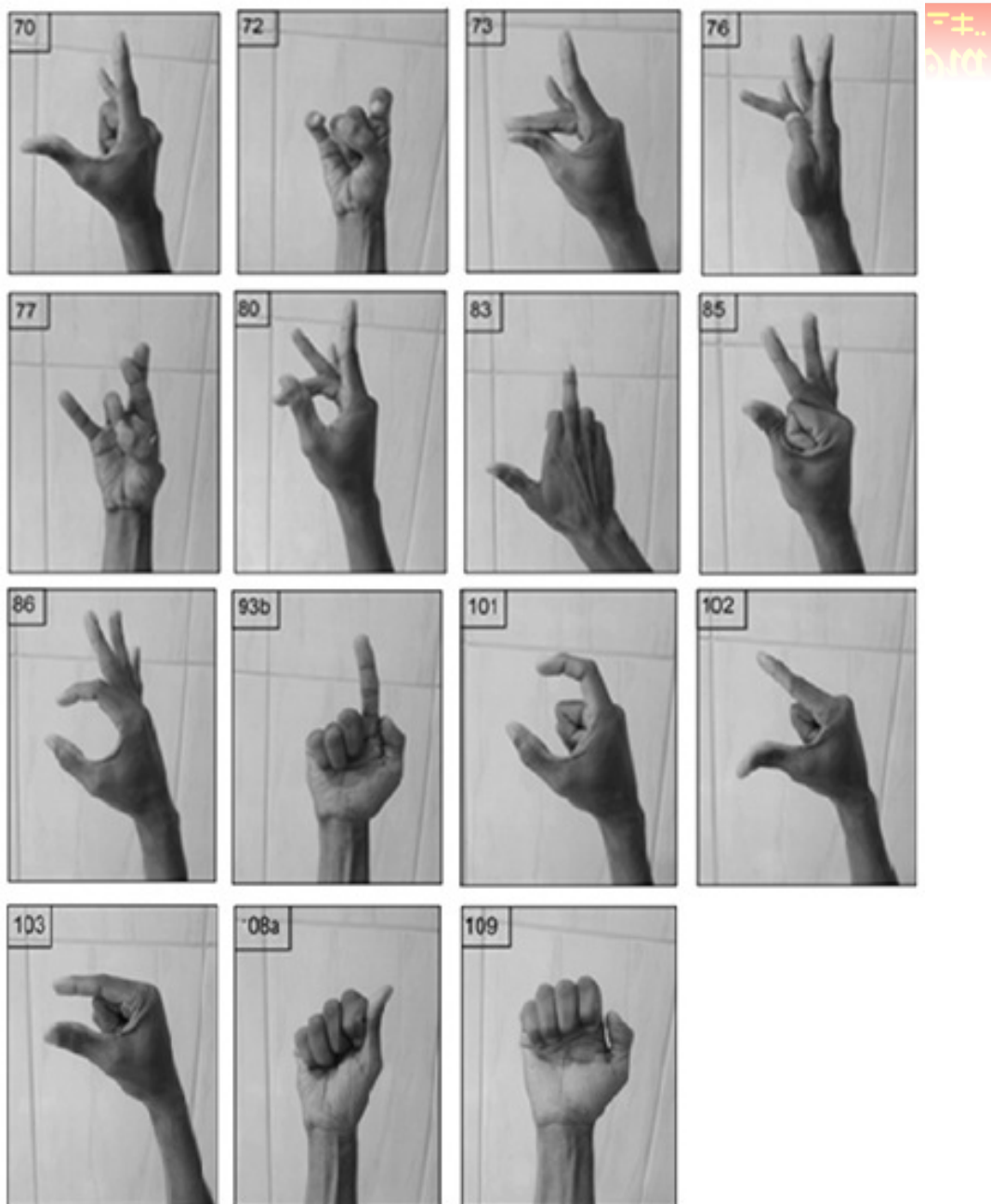


Figura n. 13. Configurações manuais segundo Barreto e Barreto (2012). Reinaldo Farias Pereira baseado em Barreto e Barreto (2012).

Analisando as CMs de Barreto e Barreto (2012) com as CMs de Duarte e Benassi (2014), notamos que as CMs 01 e 02 presentes no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 231) são as CMs 14 e 12 presentes no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 18), as CMs 03, 04 e 05 no levantamento de Barreto e Barreto (2012, p. 231) não são encontradas em Duarte e Benassi (2014), já as CMs 16, 15 e 14 presentes



na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 18), são as CMs 06, 07 e 08 em Barreto e Barreto (2012, p. 231).

A CM 09 presente na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 231) não é encontrada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014), já a CM 17 no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 18), é a CM 10 no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 231) a CM 11 no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 231) não é apresentada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014), as CMs 21 e 19 presentes em Duarte e Benassi (2014, p. 18), são as CMs 12 e 13 no levantamento de Barreto e Barreto (2012, p. 231), a CM 14 presente no levantamento de Barreto e Barreto (2012, p. 232) não é encontrada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014).

Já as CMs 20 e 26 presentes no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 18 e 19), são as CMs 15 e 16 no levantamento de Barreto e Barreto (2012, p. 232), a CM 17 na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 232) não é encontrada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014), já as CMs 28 e 67 presentes no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 19), são as CMs 18 e 19 na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 232).

A CM 20 no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 232) não é encontrada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014). As CMs 29, 30, 25, 27, 71, e 68 apresentadas em Duarte e Benassi (2014, p. 19 e 20), são as CMs 21, 22, 23, 24, 25 e 26 todas presentes no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 232), a CM 27 na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 232) não é encontrada no inventário de Duarte e Benassi (2014).

A CM 18 apresentada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 18), é a CM 28 na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 233), a CM 29 presente no levantamento de Barreto e Barreto (2012, p. 233) não é encontrada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014), já as CMs 46, 56 e 48 apresentadas no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 19 e 20), são as CMs 30 31 e 32 todas presentes no levantamento de Barreto e Barreto (2012, p. 233).

Por outro lado as CMs 33 e 34a apresentadas por Barreto e Barreto (2012, p. 233) não são encontradas na pesquisa de Duarte e Benassi



(2014), já as CMs 04 e 57 apresentadas no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 18 e 20), são as CMs 34b e 35 presentes em Barreto e Barreto (2012, p. 233).

A CM 36 presente no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 233) não é apresentada em Duarte e Benassi (2014), as CMs 44, 42, 74, 59 e 60 apresentadas na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 19, 20 e 21), são as CMs 37, 38, 39, 40 e 41, na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 233 e 234).

A CM 42 apresentada em Barreto e Barreto (2012, p. 234) não é apresentada no inventário de Duarte e Benassi (2014), já a CM 66 em Duarte e Benassi (2014, p. 20), é a CM 43 presente na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 234). A CM 44 no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 234) não é apresentada na de Duarte e Benassi (2014).

As CMs 58 e 42 apresentadas em Duarte e Benassi (2014, p. 20 e 19), são as CMs 45 e 46 apresentadas na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 234), as CMs 47, 48 e 49 presentes no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 234) não são apresentadas na pesquisa de Duarte e Benassi (2014). Já as CMs 24, 31, 45, 32 e 43, todas apresentadas por de Duarte e Benassi (2014, p. 18 e 19), são as CMs 50, 51, 52, 53 e 54 presentes no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 234), enquanto que as CMs 55 e 56 presentes em Barreto e Barreto (2012, p.235), não são apresentadas na pesquisa de Duarte e Benassi (2014).

A CM 54 apresentada em Duarte e Benassi (2014, p. 20), é a CM 57 no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 235), já a CM 58 presente na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 235), não é apresentada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014). A CM 50 presente em Duarte e Benassi (2014, p. 20), é a CM 59a, apresentada na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 235), já a CM 60 apresentada no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 235), não é encontrada em Duarte e Benassi (2014), a CM 49 presente na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 20), é a CM 61 no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 235).



As CMs 62 e 63 em Barreto e Barreto (2012, p. 235), não são encontradas na pesquisa de Duarte e Benassi (2014). A CM 07 apresentada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 18), é a CM 64 no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 235).

A CM 65 presente no levantamento de Barreto e Barreto (2012, p. 235) não é encontrada no levantamento de Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21).

As CMs 06, 08, 35 e 09 na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 18 e 20), são as CMs 66, 67, 68 e 69 na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 235), já a CM 70 em Barreto e Barreto (2012, p. 236) não é encontrada no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21). CM 36 apresentada na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 20), é a CM 71 em Barreto e Barreto (2012, p. 236).

As CMs 72 e 73 apresentadas por Barreto e Barreto (2012, p. 236), não são encontradas no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21). As CMs 34 e 62 apresentadas por Duarte e Benassi (2014, p. 19 e 20), são as CMs 74 e 75 em Barreto e Barreto (2012, p. 236), já as CMs 76 e 77 em Barreto e Barreto (2012, p. 236), não são encontradas em Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21).

As CMs 78 e 79 na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 236), são as CMs 33 e 75 presentes em Duarte e Benassi (2014, p. 19 e 21), já as CMs 80 e 81 presentes em Barreto e Barreto (2012, p. 236), não são as encontramos no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21).

A CM 62 apresentada no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 20) é a CM 82 presente em Barreto e Barreto (2012, p. 237). A CM 83 na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 237), não é encontrada em Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21), já a CM 64 apresentada por Duarte e Benassi (2014, p. 20), é a CM 84 presente em de Barreto e Barreto (2012, p. 237).



As CMs 85 e 86 apresentadas no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 237), não são encontradas no inventário Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21), já as CMs 63, 52, 51, 55, 65, 22 e 69 presentes na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 20 e 18), são as CMs 87, 88, 89, 90, 91, 92 e 93a em Barreto e Barreto (2012, p. 237).

A CM 93b presente no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 237), não é encontrada em Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21), já as CMs 70, 13, 23, 72, 01, 38 e 39 apresentadas na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 20, 19 e 18), são as CMs 94, 95, 96, 97, 98, 99 e 100 presentes em Barreto e Barreto (2012, p. 237 e 238).

As CMs 101, 102 e 103 no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 238), não são encontradas no levantamento de Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21), já as CMs 40, 03, 41 e 10 apresentadas na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 19 e 18), são as CMs 104, 105, 106 e 107 presentes em Barreto e Barreto (2012, p. 238).

A CM 108a presente em Barreto e Barreto (2012, p. 238) não é encontrada no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21), já a CM 11 na pesquisa de Duarte e Benassi (2014, p. 18), é a CM 108b presente no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 238). A CM 109 apresentada na pesquisa de Barreto e Barreto (2012, p. 238), não é encontrada em Duarte e Benassi (2014, p. 18, 19, 20 e 21). As CMs 02 e 05 presentes no inventário de Duarte e Benassi (2014, p. 18), são as CMs 110 e 111 no inventário de Barreto e Barreto (2012, p. 239).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas das CMs apresentadas no inventário de Felipe (2005), Duarte e Benassi (2014) e Barreto e Barreto (2012), podemos constatar que todas as pesquisa, apresentam um número de CM



diferenciado. Os inventários analisados, atualizam o número de CM utilizadas, de acordo com a observação das mesmas em uso.

Algumas CMs não aparecem mais nos inventários, de certa forma, nas observações, não foram mais vistas em uso, mas, isso não implica dizer que as mesmas desapareceram, apenas foram substituídas no uso linguístico-social. Notamos também, que novas CMs foram observadas em uso e divulgadas nos inventários seguintes. Nesse sentido, as CMs estão em constantes atualizações mediante a expansão lexical da língua de sinais frente ao uso social da mesma.

Vale ressaltar que essa pesquisa é embrionária. As informações que aqui abordamos, é fundamental para que possamos conceber a Libras como uma língua viva socialmente. Assim sendo, acreditamos que a mesma pode contribuir para outros pesquisas que levantem o mesmo questionamento aqui delineado.

Por hora, acreditamos que a mesma pode ser aprofundada num futuro breve, pois esse não é um trabalho fechado, tampouco, pronto e acabado. Salientamos que a mesma está aberta para outras (re)leituras que poderão surgir de outros e de nossos novos olhares.





REFERÊNCIAS

BARRETO, Madson, BARRETO, Raquel. **Escrita de sinais sem mistérios**. v.1. Belo Horizonte: Ed, do autor, 2012.

BARROS, Mariângela Estelita de. **ELIS - Escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática**. Florianópolis: UFSC, 2008.

CAMPELO, A. R. **Língua brasileira de sinais**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

DIZEU, Liliane C. T. de Brito, CAPORALI, Sueli Aparecida. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. Campinas: UNICAMP, 2005.

DUARTE, Anderson Simão. **O ensino de LIBRAS para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da teoria bahktiniana para a elaboração de material didático**. Cuiabá: UFMT, 2011.

DUARTE, Anderson Simão, BENASSI, Claudio Alves. **Curso de Libras. Básico**. Cuiabá: Claudio Alves Benassi, 2014.

DUARTE, Anderson Simão; BENASSI, C. A. Sujeito visual (surdo): um olhar contemporâneo. In.: **Seminário Educação 2015 : Educação e seus Sentidos no Mundo Digital (23. : 2015 : Cuiabá, MT)**. Seminário Educação [recurso eletrônico]. - Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação, 2015)

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor**. 6ª ed. Brasília: Mistério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira, Uma proposta lexicográfica**. Brasília: UNB, 2009.

NOBRE, Rundesth S. **Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica da escrita em SignWriting**. Florianópolis: UFSC, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de, KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

